

RESENHA

Ouvir e reconhecer compositoras, estratégias frente às lacunas históricas: contribuições de Jennifer Kelly no campo da música

Camila Durães Zerbinatti*

KELLY, Jennifer. In *Her Own Words: Conversations with Composers in the United States*. New Perspectives on gender in music. 475 p. Urbana: University of Illinois Press, 2014.

Jennifer Kelly é regente, intérprete, pesquisadora e professora assistente de música no Lafayette College (Pensilvânia – EUA) e atua na docência de disciplinas de regência e de mulheres na música (*Women in Music*). Ela desenvolve pesquisas teórico-práticas sobre a reconfiguração da música estadunidense com foco na criação de mulheres compositoras contemporâneas deste país, dirige as atividades corais e dois grupos artísticos do departamento de música da mesma instituição. É membra da *International Alliance of Women in Music*. Kelly se dedica à interpretação de obras de mulheres compositoras e possui publicações

relacionadas à música e gênero, como sua dissertação de doutorado em artes musicais (KELLY, 2005).

Em seu livro *In Her Own Words: Conversations with Composers in the United States*, uma obra de referência para estudantes, performers e professoras/es de música, Kelly apresenta amplas e relevantes entrevistas com vinte e cinco compositoras nos EUA de diversos gêneros e estilos musicais, diferentes faixas-etárias e origens e identidades étnico-raciais, feitas entre 2009 e 2012, com o propósito de oferecer um panorama representativo da diversidade de mulheres compositoras nos

Camila Durães Zerbinatti. Violoncelista e Pesquisadora. Graduada em Licenciatura com habilitação em Educação Artística- música pela USP- Universidade de São Paulo (2009). Mestra em Musicologia-Etnomusicologia pela UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, com bolsa CNPq - CAPES, sob orientação de Guilherme Sauerbronn, onde defendeu a dissertação: “Sept Papillons, de Kaija Saariaho: análise musical e aspectos da performance”. Doutoranda na Área de Concentração de Estudos de Gênero do PPGICH UFSC - Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, onde se dedica ao projeto de pesquisa teórico-prático com / e sobre criadoras e compositoras brasileiras e suas criações para violoncelo solo. Desenvolve pesquisas na área de performance e análise de Música Contemporânea/ Música Nova, com ênfase na performance violoncelística, e, desde 2014, no campo de estudos de Gênero, Feminismos e Música.

* Universidade Federal de Santa Catarina / camiladuze@gmail.com

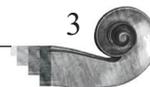
EUA no período entre a metade do séc. XX e início do séc. XXI. Cada um dos vinte e cinco capítulos é dedicado à uma das compositoras, iniciado por uma pequena biografia crítica da artista - permeada por reflexões -, seguida pela entrevista e por uma lista de obras. O livro conta ainda com uma introdução crítica e uma lista de fontes bibliográficas selecionadas cujo objetivo é auxiliar nas buscas e pesquisas por compositoras nos EUA.

In Her Own Words nasce como uma estratégia de Kelly, na condição de intérprete, regente e educadora, para enfrentar lacunas históricas com relação às mulheres compositoras nos EUA que ela mesma confronta em seu cotidiano: o livro surgiu de sua inquietação frente à sub ou nula representatividade de mulheres compositoras em livros-texto, currículos acadêmicos, acervos de gravações e partituras, e, em séries e programas de concerto e festivais. Diante deste vazio representativo e “para pavimentar o caminho de estudos mais representativos (...)” (KELLY, 2014: 3)¹ Kelly, com o objetivo de contribuir com performances musicais e discussões em sala de aula mais bem informadas sobre estas compositoras e suas obras, oferece em seu compêndio uma considerável investigação e grande quantidade

de informações sobre estas artistas tanto com relação às suas criações (características, técnicas e processos composicionais, escolhas e preferências estéticas) quanto com relação às suas trajetórias e subjetividades (formações, relações sociais, processos subjetivos relacionados às suas identidades culturais, faixas-etárias, questões étnico-raciais e questões de gênero como, por exemplo, o(s) papel(éis) das mulheres na performance, educação e criação musical, o *status* das compositoras nos EUA, a experiência da condição de mulher compositora em meios predominantemente masculinos e a existência (ou não) de projetos em música dedicados exclusivamente às mulheres, os *women-only projects*).

A pluralidade, um dos méritos do livro, está presente tanto na variedade etária (com compositoras nascidas entre 1925 até 1974), na multiplicidade de gêneros e estilos musicais destas artistas (da chamada música “clássica”, nova/contemporânea à experimental, jazz, arte sonora, étnica, eletrônica, improvisada, popular, aleatória, e também, em diversos tipos de formatos colaborativos como: música para cena, teatro, cinema, videogames, happenings, dança, instalações, vídeo, exposições, rádio, televisão) e na diversidade de identidades e

1. “To pave the way for more fully representative studies (...)” (KELLY, 2014, 3).



origens étnico-raciais (embora a grande maioria delas seja branca, tenha fenótipos típicos da Europa Ocidental e tenha nascido e crescido nos EUA, há compositoras de origens e etnias africana, latino-americana, chinesa, japonesa, indiana, israelense e do leste europeu). Kelly oferece, desta forma, significativo espaço de representação, escuta, visibilidade e reconhecimento para suas entrevistadas, espaço incomum para mulheres na música.

Apesar de buscar e às vezes ressaltar semelhanças e características comuns entre as compositoras entrevistadas, principalmente nas biografias de apresentação, e de ter feito a admirável opção de não categorizar, julgar, nem hierarquizar os diferentes estilos e gêneros composicionais e musicais das artistas, Kelly simultaneamente procurou fazer entrevistas específicas e bastante particularizadas com cada artista, que permitissem a identificação e revelação de suas diferenças e das diversidades dentre este grupo de artistas, em uma escolha metodológica bem como artística. Percebemos aí o estudo detalhado que Kelly fez sobre as histórias, obras musicais, inserções e atuações profissionais destas mulheres na preparação para as entrevistas. Neste sentido, uma das qualidades do livro é oferecer entrevistas personalizadas que permitem à/ao leitora/r

aprofundar-se na descoberta de cada uma das vozes artísticas, experiências e características das compositoras entrevistadas, o que reforça o caráter de livro-texto ou livro de referência que Kelly objetiva oferecer com sua obra.

Por outro lado, ao escolher modelar as entrevistas com foco nas questões musicológicas, interpretativas, mas, também, nos problemas culturais, de representação e de gênero, seguindo as linhas teóricas traçadas na musicologia e etnomusicologia feministas por autoras como Susan McClary (1991), Marcia Citron (1993), Pirkko Moisala (2000) e Tara Rodgers (2010), Kelly aponta de que forma o uso de categorias analíticas como gênero, origem e localização geográfica, classe, economia e identidade étnico-racial pode ser profícuo e elucidativo nas pesquisas em música. Um exemplo desta contribuição está presente na abordagem interseccional que Kelly faz ao problematizar o quanto as dificuldades, opressões, demandas, condições sociomusicais e transformações são vividas de forma extremamente desigual entre as compositoras (a saber, menos prejudicialmente entre aquelas que são brancas e de origens e fenótipos eurocêtricos). Estas questões são mais evidentes principalmente nas apresentações biográficas e entrevistas com as/

das compositoras de origens africanas e latino-americanas (como Pamela Z e Tania León), assim como em entrevistas com artistas que desafiam as formas tradicionalmente aceitas de compor e criar música pelos cânones da música de arte ocidental (como Winifred Phillips, Alice Parker e Laura Karpman).

Algumas das reflexões e constatações mais estruturais com relação à baixíssima ou nula representatividade das compositoras contemporâneas no EUA em variados âmbitos da música feitas por Kelly dizem respeito às questões de gênero e a economia na música (ou seja, sobre orçamentos, financiamentos, editais, comissões, recursos orçamentários e como eles são, ou não, distribuídos). As entrevistas revelam, em vários e diferentes momentos, quantos empecilhos de ordem econômica e orçamentária as compositoras enfrentam, os quais, por sua vez, se relacionam diretamente à ínfima circulação, reprodução, registro e reconhecimento de suas criações nos EUA. Kelly e suas entrevistadas mostram como os circuitos artísticos e educacionais que promovem validação e reconhecimento passam, necessariamente, por diferentes instâncias e etapas que dependem de recursos econômicos e orçamentários como: comissões de obras; financiamentos; custos diversos de

produção; remuneração de intérpretes que irão performar essas criações; gravações em áudio e/ou vídeo (o que inclui a infraestrutura, estúdios e profissionais especializadas/os); editoras, copistas e revisoras/es especializadas na editoração, publicação, distribuição e/ou comercialização de partituras (e aqui entram também os altos preços geralmente cobrados pelas editoras para vender ou alugar estes materiais para intérpretes e instituições artísticas); o baixo número de premiações monetárias e artísticas (como o financiamento de concertos e registros multimídia) que mulheres compositoras (não) recebem por suas obras.

A abordagem concisa, simples e coerente destas formas de discriminações de gênero na música feita por Kelly é uma das principais contribuições do livro para discussões sobre representatividade de mulheres e gênero na música, não apenas nos EUA. A sub ou nula representação das compositoras, materializada na quase total ausência de performances, registros e pesquisas de suas obras, segundo Kelly, refletia (e ainda reflete), e, ao mesmo tempo, confirmava (e ainda confirma) uma visão equivocada, mas predominante nos âmbitos da música, de que tanto o número de mulheres competentes e



merecedoras de reconhecimento quanto o de suas obras merecedoras de atenção (sempre segundo os critérios do cânone artístico) era/é escasso e, por isso, já suficientemente abordado artística e academicamente. Trabalhos como *In Her Own Words* mostram que essa visão é desacertada e não verificável, uma vez que tal visão é desconstruída pelas realidades e trajetórias das mulheres compositoras. A discussão sobre a distribuição de recursos orçamentários entre homens e mulheres e sobre a forma profundamente desigual com a qual ela é historicamente feita é um problema global, e, atualmente, uma das principais preocupações de organizações como a ONU Mulheres - problema abordado e discutido em profundidade no último relatório desta instituição, “Progresso das Mulheres do Mundo 2015-2016: Transformar as economias para realizar direitos”, no qual a organização aponta para a necessidade urgente de distribuições de renda mais justas e menos desiguais entre homens e mulheres (ONU MULHERES: 2015)².

Observando a situação das compositoras brasileiras, percebo que podemos falar em um ‘ciclo vicioso’ que sabota essas artistas. No Brasil, o Prêmio

Funarte de Composição Clássica, por exemplo, o maior e mais importante prêmio da música contemporânea nacional, que estabelece o repertório das Bienais de Música Brasileira Contemporânea, realizado com recursos públicos, no ano de 2016, premiou apenas 2 mulheres entre os/as 61 compositores/a selecionados/a e premiados/a para a edição de 2017 da Bienal, um percentual de apenas 3,27% do total. Ou seja, 96,73% de todo o orçamento deste prêmio reservado à remuneração de obras comissionadas e a todo o gasto com as performances das obras é destinado, mais uma vez, aos compositores homens participantes do pleito. As compositoras brasileiras estarão, novamente, sub-representadas na programação e na divulgação da Bienal, em proporção inversa aos compositores homens, o quê, em si, acarreta e contribui para as conhecidas (e negativas, para as mulheres) consequências entre o público, os meios de divulgação e reprodução desta música, intérpretes, pesquisadoras/es e estudantes de música, com o reforço de visões equivocadas sobre as mulheres criadoras do Brasil, sobre sua existência e suas competências –um “ciclo” que opera através de mecanismos semelhantes aos mencionados por Kelly em seu livro.

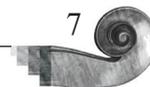
2. Progress of the world's women 2015-2016: Transforming economies, realizing rights.

In Her Own Words oferece uma relevante contribuição ao conjunto da produção sobre mulheres na música ao dialogar e dar continuidade ao trabalho iniciado pelo livro *Pink Noises: Women on Electronic Music and Sound* (RODGERS, 2010), da compositora, pesquisadora e professora Tara Rodgers, também uma coletânea de entrevistas, feitas com vinte e quatro mulheres da música eletrônica, compositoras, artistas sonoras e DJs, artistas dedicadas à performances artísticas e de intervenção, *remixers*, improvisadoras, construtoras de instrumentos e de instalações. O trabalho de Rodgers, dedicado à explorar as histórias pessoais, os métodos criativos e as questões de gênero vividas pelas/ das artistas entrevistadas é uma nítida inspiração para Jennifer Kelly, e uma das referências indicadas por ela em sua bibliografia selecionada.

Um importante aporte do livro de Kelly à textos de referência como o de Rodgers é, além do olhar interseccional para questões culturais relevantes, a reunião inédita de tantas declarações e abordagens sobre/ de questões de gênero e sobre projetos e ações exclusivamente dedicados às mulheres na música feitas por compositoras contemporâneas, algo incomum entre compositoras. A etnomusicóloga Pirkko Moisala oferece exemplos e reflexões sobre

como, para muitas delas, “(...) a negação do [próprio] gênero como um fator de influência em seu trabalho de composição tenha sido, e possivelmente ainda é, uma estratégia utilizada para sobreviver na cultura dominada por homens (...)” (MOISALA, 2000: 9). A significativa, corajosa e franca abordagem de questões e condições de gênero de mulheres compositoras e de projetos dedicados às mulheres, mesmo que diversa, tanto por Kelly quanto por suas entrevistadas, é uma importante e nova contribuição na bibliografia sobre música e gênero e um positivo exemplo do poder de transformação promovido pelo diálogo interdisciplinar entre os campos de estudos feministas e de gênero e o da música.

Apesar de ter como um de seus principais objetivos oferecer um panorama representativo da diversidade entre mulheres compositoras nos EUA Kelly entretanto não citou e não escolheu, entre suas vinte e cinco entrevistadas, nenhuma artista de origens e identidades indígenas (*native american*), ou muçulmanas, dois dos grupos sociais mais subalternizados, oprimidos, discriminados e violentamente combatidos naquele país, histórica e atualmente, nem tampouco problematizou ou explicou esta ausência, o que me faz voltar para a importância das reflexões



e questionamentos propostos pelo feminismo decolonial, que relaciona as opressões de gênero aos legados da colonização e do imperialismo (LUGONES: 2008). Percebo que, a despeito de Kelly se preocupar com as interseccionalidades entre as diferentes opressões vividas pelas mulheres que entrevista, e apesar do comprometido enfrentamento contra lacunas históricas que ela se propõe a fazer com seu livro, uma perspectiva feminista enraizada, mesmo que não totalmente, em estruturas sociais hegemônicas (e limitada por elas) pode facilmente esquecer-se e invisibilizar a existência da - ou até mesmo as indagações sobre a - representatividade nula de outras mulheres - integrantes de grupos sociais ainda mais subalternizados e extremamente precarizados - na música contemporânea estadunidense, mesmo que, sim, elas também (r)existam.

Referências

CITRON, Marcia. *Gender and the musical canon*. Urbana: University of Illinois Press, 2000 (1993).

FUNARTE. Prêmio Funarte de Música Clássica. Disponível em: <<https://goo.gl/v3SrXg>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

KELLY, Jennifer W. *Libby Larsen composes love songs: five songs on texts by women poets: an artist's identity informs her work*. 2005. Tese (Doctor of Musical Arts). University of California, Los Angeles, 2005.

KELLY, Jennifer. *In her own words: conversations with composers in the United States*. New Perspectives on gender in music. Urbana: University of Illinois Press, 2014.

LUGONES, María. "Colonialidad y género". *Tabula Rasa*, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

MCCLARY, Susan. *Feminine endings: Music, gender and sexuality*. 2ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002 (1991).

MOISALA, Pirkko. "A Negociação de gênero da compositora Kaija Saariaho na Finlândia: a mulher compositora como sujeito nômade". Tradução de: Camila Durães Zerbinatti. *Revista Vórtex*, v.3, n.2, p.1-24, dez. 2015.

ONU MULHERES. Progress of the world's women 2015-2016: transforming economies, realizing rights. Disponível em: <https://goo.gl/NhgpRp>. Acesso em: 20 jan. 2017.

RODGERS, Tara. *Pink Noises: women on electronic music and sound*. Durham: Duke University Press, 2010.